

AFRICANA

CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS E ORIENTAIS



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE
INFANTE D. HENRIQUE

Nº26/27 | 2003

AFRICANA

Publicação do Centro de Estudos Africanos e Orientais da Universidade Portucalense

| | | |
|----------------------|---------------------------------|------------|
| Director | JOAQUIM M. DA SILVA CUNHA | (U.P.) |
| Secretário | SALVADOR MAGALHÃES MOTA | (U.P.) |
| Conselho de Redacção | ABEL DOS SANTOS CRUZ | (U.P.) |
| | ADRIANO VASCO RODRIGUES | (C.E.A.O.) |
| | ANTÓNIO GERMANO LIMA | (I.S.E.) |
| | J. A. GONÇALVES GUIMARÃES | (C.E.A.O.) |
| | JOÃO LOPES FILHO | (U.N.L.) |
| | JOSÉ MARIA DE ALMEIDA | (A.H.N.) |
| | MARIA CÂNDIDA GONÇALVES | (I.S.E.) |
| | MARIA TERESA OLIVEIRA RAMOS .. | (C.E.A.O.) |

Todos os direitos reservados, conforme a legislação em vigor, dos textos, mapas, gravuras e fotografias.

Solicita-se permuta. On prie L'échange. Exchange wanted. Sollicitiamo intercambio.

UNIVERSIDADE PORTUCALENSE
Departamento de publicações
Rua Dr. António Bernardino de Almeida, 541/619
4200-072 PORTO/PORTUGAL

Tel. 225572000/Fax 225572010
Internet: <http://www.uportu.pt/ceao> E-mail: ceao@upt.pt

Tiragem 750 exemplares
Depósito legal n.º 36932/90
ISSN 0871-2336

Concepção Gráfica: SerSilito-Empresa Gráfica S.A./Maia

*Proibida a reprodução total ou parcial
do design gráfico desta obra sem autorização da SerSilito*

A Nação Cabo-verdiana e os desafios da globalização

Onésimo Silveira*

Resumo O autor após constatar que nas diversas ciências o conceito de nação não se encontra devidamente fixado, procura da mesma forma passar em relevo o contributo de alguns cientistas do social africano, que em geral, sublinham a raiz da nação africana antes do advento do colonialismo. Interroga-se sobre a emergência da nação cabo-verdiana que, muito embora, recebendo aportações étnicas diferenciadas é detentora de padrões de comportamentos e de cultura que destacam em particular relevo, a sua raiz europeia.

Abstract *After having recognised that in the several fields of science and social studies the concept of nation isn't properly settled, the author analyses the contributes of African social researchers, which usually emphasize the roots of the African nation considering the period before colonialism. The study enquires the build-up of the Cape Verdean society, which, despite being influenced by several different ethnic groups, presents cultural and behavioural patterns that highlight its European roots.*

O conceito de Nação está quase sempre associado ao edifício político-jurídico do Estado. Trata-se, com efeito, de um conceito que, apesar de generalizado, é pouco preciso no vocabulário da Teoria Política e das Ciências Sociais. O Direito Internacional Público, bem como o Direito Político Interno, não lhe consagram uma definição rigorosa, isto é, uma definição capaz de resistir à evolução dos tempos e às flutuações ideológicas que dão perfil próprio aos sistemas políticos.

Teorias diferentes, em contextos também diferentes, conferem significados diversos ao conceito de Nação. Essa indefinição tem estado no centro das convulsões que têm sacudido através dos séculos a humanidade, até aos nossos dias.

* Embaixador da República de Cabo Verde em Portugal.

O Continente Africano, depois da Europa pós-Renascentista, vem sendo palco de intermináveis dramas com a Nação, ou a sua ausência, desempenhando papel de primeiro plano.

Na falta de uma definição, tende-se a considerar Nação como uma dada população, ocupando um território determinado, e possuidora de um certo número de qualidades e características capazes de lhe conferir um elevado grau de homogeneidade. Uma dificuldade inerente a esse conceito reside, todavia, na definição daquelas qualidades e características. Podem abarcar a língua, a religião, a raça comuns, a própria identidade da cultura.

Esta abordagem é abundantemente utilizada porque as qualidades e as características que ela põe em relevo são elementos enformadores do conceito clássico de Nação, de raiz e perfil ocidental. Mas na realidade, nem a língua, nem a religião, nem a raça, preenchem, isoladamente ou em conjunto, os requisitos para gerar uma Nação. São os factores políticos e psicológicos aqueles que afinal marcam de forma determinante a génese da Nação e a sua evolução. Por outras palavras: Uma Nação é quase sempre um produto da História e da Cultura. A comunidade de tradições e de condições de vida no mesmo quadro ambiental constitui o mais forte elemento gerador do sentimento de pertença nacional.

Ao assinalarmos que o conceito de Nação está quase sempre associado ao edifício político-jurídico do Estado, estamos a admitir implicitamente que a Nação está na génese do Estado. Esta é de facto a regra. A História, porém, regista algumas notáveis excepções, isto é, exemplos de Estados que preexistem às Nações. Nestes casos é a organização política a geradora do sentimento nacional. Segundo a famosa formulação de Lapradelle, há nações que "continuam a viver no sepulcro dos Estados mortos", Nações que ressuscitam das cinzas do Estado que lhes emprestou uma moldura institucional. A Nação Polaca é apontada como exemplo clássico de sobrevivência às contingências nefastas por que tem passado o Estado da Polónia, violado através da História e integrado em soberanias de forças opressoras.

Perante a fluidez das circunstâncias e a pluralidade dos elementos que geram a Nação e determinam a sua evolução, o tratamento do conceito de Nação na África sub-Saheliana abre as portas de uma vasta área temática, que tem absorvido a atenção de um elevado número de estudiosos das realidades africanas, sobretudo no período pós-independências, que se situa geralmente nos anos cinquenta do século passado.

Alguns dos elementos caracterizadores da chamada Nação Africana que a seguir alencamos, poderão fazer parte de lugares comuns, de veleidades ideológicas encobertas por um manto diáfano de fantasia científica, para parafrasear a célebre tirada Queiroziana. É neste universo conceptual, que se tem cometido muitas vezes o erro de analisar, mecanicamente, o caso da Nação Cabo-Verdiana, uma Nação Crioula, a primeira dos Trópicos,

fruto da tenacidade portuguesa e da determinação do negro em transcender a sua situação de escravo pela alforria e miscegenação. Dada a composição social específica da grande maioria dos países africanos ao sul do Sara, o conceito de Nação emergente na década de cinquenta do século passado, afasta-se do conceito de Nação da Europa do século XIX, quando o fenómeno nacional culminava um longo período de tradição política. Na Europa Ocidental, as Nações se desenvolviam num quadro constitucional temperado pela experiência política de grupos culturalmente homogéneos e senhores de uma consciência nacional. Na África ao sul do Sara, a construção e preservação da Nação constituíam um objectivo-programa de líderes governando populações formadas por grupos heterogéneos destituídos, na maioria dos casos, de uma consciência nacional.

As discrepâncias conceptuais que assim resultam de uma Nação Europeia e uma projectada Nação Africana são explicadas pela pluralidade de significações atribuídas à palavra Nação. A leitura política do termo "Nação" torna-se obscura uma vez que é utilizada indiscriminadamente, umas vezes como um conceito da teoria política, outras vezes como instrumento da retórica político-ideológica.

De acordo com alguns cientistas africanos, a Nação Africana é um facto histórico que precedeu a chegada do colonialismo ao continente. A tese de Cheikh Anta Diop, fornece um exemplo dos que situam as raízes da Nação Africana na era pré-colonial. No seu tratado "Nações Negras e Culturas", este historiador senegalês recorre a um conjunto de factos históricos que, na sua perspectiva, conferem excelência à Nação Africana. Cultura, língua e etnologia são parte das argumentações por ele invocadas para justificar a existência de uma Nação Africana. Esta sua caracterização leva-o a pôr em causa a honestidade intelectual dos historiadores do Antigo Egipto, que ele acusa de "branquear" a sua história para "retirar aos negros o benefício moral da sua contribuição às culturas egípcias e africanas". O conceito de Nação de Diop, é de natureza iminentemente subjectiva.

No seu tratado sobre a génese e formação do Estado Africano, o professor P.F. Gonidec, da Faculdade de Direito e Ciências Económicas de Paris, estudou as complexidades inerentes ao conceito da Nação. Ele argumenta: "A Nação é um fenómeno de natureza sociológica, formado de elementos diversivos e coesivos, uns de carácter espiritual, outros de carácter material. A redução da Nação a um único desses elementos constitui um erro. Outro erro consiste em deixar de reconhecer que os elementos constitutivos da Nação encontram-se em interacção permanente. Finalmente, não se pode perder de vista que a Nação não é um fenómeno espontâneo mas sim um produto da História. É deste ponto de vista que se pode falar de comunidade histórica".

As características objectivas e subjectivas de uma Nação Moderna coexistem nos territórios descolonizados, onde uma "Quase Nação", segundo a expressão de Gonidec, é um produto cuja existência deve ser atribuída á acção unificadora do colonialismo. Os instru-

mentos desta acção unificadora são designadamente o território, a cultura e a economia, que não actuam separadamente mas sim de forma interdependente. Todos esses elementos fazem parte de um quadro enformador de modelo europeu.

Para Mamadou Dia, outro estudioso senegalês, a Nação Africana existia mesmo antes do impacto colonial. Os elementos ou factores enumerados por Gonidec teriam contribuído tão somente "para despertar a Nação Africana e lhe insuflar um novo espírito". Enquanto que para Gonidec a Nação Africana resulta da conjugação de factores europeus ligados ao colonialismo, para Mamadou Dia o problema é apresentado diferentemente, em moldes que contrastam com os de Gonidec. A questão central, diz Dia, não consiste em criar novas nações, mas sim em modernizar as Nações que existiam já, independentemente da exclusividade dos conceitos europeus. Essas Nações Africanas, tal como afirmava Dia, estavam em sintonia com as realidades sociais e espirituais que conferem perfil diferenciado ao mundo negro.

O modelo de Nação Africana proposto por Mamadou Dia está obviamente envolvido em misticismo e aproxima-se do modelo árabe, o "Umma" de inspiração religiosa, baseada na comunidade de crenças.

Para Samir Amin a Nação Africana nada tem de místico. A sua leitura Marxiana da Nação Africana enquadra-se dentro de um processo histórico de configuração materialista. A Nação, do seu ponto de vista, é "um fenómeno social que pode fazer a sua manifestação em qualquer etapa da história". A diferença entre grupo étnico e Nação é, para Amin, de natureza económica e reveste-se de um carácter circunstancial: A Nação abarca todos os atributos étnicos e é caracterizada pelo aparecimento de um Estado dotado de classes sociais, o qual além de controlar o aparelho político-administrativo assegura a unificação económica para a vida da comunidade. Amin vai mais longe ao afirmar que a Nação pode despontar em sociedades pré-capitalistas com uma classe capaz de controlar o poder e de assumir uma função unificadora no quadro das formações pré-capitalistas.

O nascimento e consolidação dos Estados Históricos do Gana, Mali e do Songhay é fruto que Amin atribui à existência de uma classe de comerciantes que durante um longo período conseguiram conservar o poder e funcionar como uma força unificadora ao longo das fronteiras meridionais do Sara. As formas embrionárias de Nação que surgiram nesses Estados acabariam, segundo Amin, por desaparecer com a invasão do Islamismo expansionista, que se entregou à venda de escravos para as Américas muito antes da manhã colonial.

A conceptualização materialista de Nação Africana de Samir Amin está em contraste flagrante com a de Leopold Sédar Senghor, que é idealista e de acento Hegeliano. Com o propósito declarado de se servir de rigor intelectual, Senghor julga necessário projectar o seu conceito de Nação Africana, no conceito mais abrangente de Mãe Pátria, ao qual ele

associa um substrato étnico. "A Mãe Pátria é o País Serer, o País Malinke, o País Sonhrai, o Mossi, o Baoule ou o Fon". Mais do que o somatório destes grupos étnicos, a Nação os transcende. A Nação implica uma força para "construir" e "reconstruir" e é, por isso, mais do que uma expressão do meio, condicionado pelo determinismo dos factores naturais. A transcendência dos grupos étnicos constitui, para Senghor, uma manifestação do espírito nacional. Com recurso à sabedoria popular, ele chega a afirmar que o Estado é para a Nação "O que o construtor é para o arquitecto".

Os textos dos teóricos da Nação Africana, atrás esboçados, constituem obviamente matéria para mais de uma interpretação. Com excepção de Gonidec e Senghor, a Nação Africana é para todos eles, um pressuposto, uma realidade subjacente ao Estado, uma espécie de "O Estado existe logo a Nação também existe".

Nenhum daqueles textos proporciona um figurino à Nação Cabo-Verdiana, "melting pot" em que as culturas em presença se foram fundindo progressivamente, acabando por configurar a génese de um acto pioneiro de globalização cultural e biológica. O processo inicial da construção da sociedade cabo-verdiana centrou-se, não em realidades tribais tributárias de uma arquitectura sacralizante do poder, mas sim em dois vectores primordiais de uma Europa em busca de expansão e novos protagonismos: A Igreja e a Administração a ela umbilicalmente ligada.

Do abraço entre o escravo e o seu senhor; do cristão missionário e do negro sem retaguarda; do governador e da concubina; do padre e do leigo acabou por nascer o cabo-verdiano que iria resistir tenazmente às garras devoradoras das secas para se afirmar como senhor de uma língua, crente em um só Deus, atirado sobre uma Pátria de pedra, no meio do mar, por obra e graça d'El Rei.

Na rota das descobertas, Portugal, sem o desejar ou planificar, criou uma Nação de tipo novo, onde o homem mestiço acabaria por destronar o branco e transcender o escravo dentro de um quadro geográfico sacudido pelo determinismo incontornável das fomes que constituíram elemento estruturante da sociedade cabo-verdiana.

A Nação Cabo-Verdiana, cujos elementos caracterizadores fundamentais revelam traços acentuadamente portugueses, esperou cerca de cinco séculos para vestir a roupagem institucional e constitucional de um Estado Independente.

Sendo tributária de contribuições étnicas diferenciadas, a sociedade cabo-verdiana é, no entanto, detentora de padrões de comportamentos e de cultura que destacam, com particular relevo, a sua raiz europeia. Pode-se mencionar, neste particular contexto, a língua, os festejos juninos, a estrutura familiar celular, a religião e uma incontornável apetência para se sentir cidadão do mundo...

• Parece pois, não haver dúvidas, quanto à especificidade da Nação Cabo-Verdiana e do figurino que mais se ajusta à sua gestação histórica, individual e colectivamente assumida.

Ha pois que defender esse património de séculos perante os desafios actuais da globalização, um processo transformador e indutor de mudanças políticas, económicas e sociais, em todo o Mundo.

Cabo Verde tem que fazer face aos desafios da globalização, fazendo prova de coragem e visão políticas e tomando em tempo útil as medidas que lhe assegurem uma posição digna no Mundo Globalizado.

Daí a razão da procura de um vínculo junto da União Europeia, anunciada recentemente pelo Primeiro Ministro, Dr. José Maria Neves, como prioridade da política externa de Cabo-Verde. Trata-se não de uma miragem, mas de um imperativo nacional ditado pela lógica envolvente do processo globalizador. A conquista de um tal vínculo representaria certamente a mais nobre e a mais bela conquista do nosso País, neste início de século. Tal vínculo permitiria transformar Cabo Verde de fatalidade a um tempo inquestionável e insuperável, em realidade periférica (ou ultra-periférica) com a centralidade em Portugal, como ancoradouro histórico e cultural.

O "Prelúdio" de Jorge Barbosa deixaria de anunciar sinfonia inacabada para fazer renascer um sorriso novo em todos os casebres desertados das nossas ilhas.

Quando o descobridor chegou
e saltou da proa do escaler varado na praia
enterrando
o pé direito na areia molhada
e se persignou
receoso ainda e surpreso
pensando n'El Rei

Nessa hora então
nessa hora inicial
começou a cumprir-se
este destino ainda de todos nos...